

ESCRITA ACADÊMICA: MODOS DO PESQUISADOR EM FORMAÇÃO SE RELACIONAR COM A TEORIA

Sulemi FABIANO- CAMPOS (UFRN/PPgEL)³⁷
Maria Aparecida da Silva MIRANDA (UFRN/PPgEL)³⁸

Resumo: Este estudo pretende investigar como o pesquisador em formação se relaciona com a teoria ao mobilizar e colocar conceitos de área em funcionamento na análise dos dados. Tal discussão embasa-se na concepção de heterogeneidade enunciativa das “não coincidências” do dizer de Authier-Revuz (1998; 2004; 2011) e na concepção de paráfrases de Fuchs (1985). Sendo assim, a atenção se volta para a relação que ele estabelece com o conhecimento culturalmente sistematizado, ao escrever sua pesquisa. O *corpus* é constituído por três dissertações de mestrado da área de linguística defendidas em 2001, 2006 e 2008, disponíveis no Portal de Domínio Público – CAPES. A hipótese é que o sujeito ao escrever deixa, deixa na escrita, marcas linguísticas da relação que estabelece com o conhecimento e o saber culturalmente sistematizado. Logo, pretende-se fazer o levantamento de algumas formas linguísticas que funcionam como reformuladores parafrásticos do efeito de sentido que elas exteriorizam na escrita, evidenciando o modo como o pesquisador se relaciona com a teoria. Os resultados apontam que essas expressões linguísticas “inventáveis” podem revelar, no fio do dizer, a relação do sujeito com o legado cultural que o precedeu.

Palavras-chave: escrita acadêmica, paráfrase, expressões linguísticas, efeitos de sentido.

Abstract: This study aims to investigate how the researcher in training relates to the theory concepts to mobilize and put into operation in the area of data analysis. Thus, our attention turns to the relationship he establishes with culturally systematized knowledge when writing your research. The corpus consists of three dissertations in the area of linguistics advocated in 2001, 2006 and 2008, available on the Portal Public Domain - CAPES. The hypothesis is that the individual leaves marks when writing language of relationship established with the knowledge and know culturally systematized in writing. Soon, we plan to survey some linguistic forms that function as reformulated periphrastic and the effects of meaning that they externalize writing evidencing how the researcher relates to the theory, because we believe that these linguistic expressions “invented” can reveal the wire the mean, the subject's relation to the cultural legacy that preceded it. Underlies this discussion on the design of enunciative heterogeneity of "non- coincidence" of say Authier - Revuz (1998, 2004, 2011) and in the design of paraphrases Fuchs (1985).

Keywords: academic writing, paraphrase, linguistic expressions, effect of sense.

Introdução

A produção de conhecimento na universidade consiste na entrada do sujeito num campo privilegiado do saber científico e pressupõe que esse, por meio de sua relação com o conhecimento culturalmente sistematizado, possa dizer algo capaz de transformar e ser transformado, ao ser submetido aos efeitos da linguagem. Nesse sentido, a pergunta que inquieta é saber: como um pesquisador em formação se relaciona com a teoria ao mobilizar um conceito de área e o coloca em funcionamento na análise dos dados?

Para responder a essa questão, objetiva-se verificar, por meio da análise de expressões linguísticas, a forma como ele interpreta, organiza e reformula os conceitos de área em seu texto. Essas expressões linguísticas são as marcas de reformulação parafrásticas, que

³⁷ Professora Doutora do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Líder do Grupo de Estudo do Texto e do Discurso - GETED/UFRN, e pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa Produção Escrita e Psicanálise – GEPPEP/FEUSP. sulemifabiano@yahoo.com.br.

³⁸ Mestre e Doutoranda em Estudo da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - PPgEL/UFRN. É professora da Rede Estadual de Ensino do RN e, Pesquisadora do Grupo de Estudo do Texto e do Discurso - GETED/UFRN. mirandamas@yahoo.com.br.

evidenciam, no movimento de escrita o uso de paráfrases como modos de dizer o que o outro já havia dito. Para Authier-Revuz (2004), a reformulação parafrástica produz formas linguísticas – sintáticas e discursivas – da presença do “outro” no discurso. Trata-se de fatos relacionados à modalização autonímica do dizer, um modo de progressão do discurso que pontualmente se mostra não coincidente com o próprio dizer.

O uso de paráfrase como aborda Fuchs (1985) é uma prática recorrente na escrita acadêmica, vista como mecanismo de reformulação/construção de um “novo texto”, que tem como base o texto fonte. Com efeito, a heterogeneidade enunciativa se apresenta como instrumento caracterizador do discurso, presente em todas as manifestações da linguagem verbal.

O *corpus* é constituído por três dissertações de mestrado da área de Linguística, defendidas nos anos 2001, 2006 e 2008, em diferentes universidades do país, selecionadas do Portal de Domínio Público – CAPES. O critério adotado para escolha do *corpus* foi o seguinte: serem as dissertações da área de linguística, abordarem conceitos de gênero do discurso advindos da teoria bakhtiniana. Pretende-se observar como o pesquisador aborda conceitos como: *atitude responsiva, enunciado, conteúdo temático* – na parte de fundamentação teórica e como os retoma na análise dos dados. As pesquisas, sempre que mencionadas, são tratadas como: D1 2001; D2 2006 e D3 2008.

Os excertos selecionados das dissertações são analisados tendo-se como referência as contribuições teóricas trazidas pela Análise do Discurso de linha francesa, a partir dos estudos linguísticos propostos por Authier-Revuz (1998; 2004; 2011), em relação à heterogeneidade mostrada e não marcada e a heterogeneidade constitutiva, especialmente no que diz respeito aos efeitos de sentido que expressões linguísticas de “não coincidência” produzem na escrita.

Consoante os conceitos de heterogeneidade propostos por Authier-Revuz, aborda-se, também alguns elementos mobilizados pelo sujeito, que, ao colocar em funcionamento o discurso do *outro*, marca-se no fio do dizer por elementos que o aproximam, unificam e reformula confirmando de modo diferente o dizer do outro no seu discurso. Esses elementos (*isto é, quer dizer, ou, ou melhor, ou seja, etc.*) são denominados por Fuchs, (1985) como parafrásticos. Tais elementos, presentes no movimento de escrita nos fatos de reformulação, fazem uma imagem do que se diz e sobre o que se dizer como produto da enunciação. Desse modo, permitem *inventariar* as diversas formas como uma teoria é mobilizada pelo pesquisador em seu trabalho.

Reflexões teóricas

Com o objetivo de analisar como um pesquisador em formação na produção de uma dissertação deixa marcas do modo como lida com a teoria ao mobilizar conceitos de gênero do discurso, recorre-se aos conceitos de heterogeneidade enunciativa, em especial às formas de não coincidências do dizer e aos conceitos de paráfrase como a aborda Fuchs (1985) que podem servir como categorias de análise da escrita acadêmica.

O presente artigo tem como princípio a concepção que todo discurso, em sua constituição, tem a participação do *outro*. Esse “outro” pode ser aquele para quem o sujeito produz o enunciado, aquele que é referido, ou, ainda, aquele que o atravessa. Assim essas vozes podem se referir tanto a outra pessoa concreta, à qual aquele que escreve faz menção no seu texto, quanto ao próprio “inconsciente” do locutor. Segundo Authier-Revuz (2004), na escrita do gênero texto acadêmico, inevitavelmente o sujeito terá de viver a angústia do enfrentamento com o *outro* como necessidade de ancoragem teórica e, de modo singular, pode traçar, na tessitura do texto, formas linguísticas como: *dizemos; se você quiser; para assim dizer, pelas quais faz surgir o espaço que separa esse outro que atravessa a comunicação, fazendo a enunciação parar sobre as palavras. Nesse contexto, a reflexão metalinguística feita*

pelo leitor aparece como dimensão importante da escrita. Pontos em que o dizer se mostra “não coincidente”, como procedimentos linguísticos empregados pelo produtor do texto numa postura avaliativa daquilo que foi dito.

Tomam-se essas reflexões de Authier-Revuz (2004, p.12) ao fazer um estudo sobre a heterogeneidade constitutiva a partir dos conceitos de interdiscurso, de M. Pêcheux (1997); dialogismo, de M. Bakhtin (1999); enunciação, de Benveniste (1976); e, de inconsciente, de Lacan (1953), para propor que na língua todo dizer é atravessado constitutivamente por outros dizeres e que há formas explícitas na sua heterogeneidade que se inscrevem no fio do discurso como marcas de uma atividade de *controle regulagem do processo de comunicação*, dadas como óbvias na produção do discurso. As marcas linguísticas deixadas por aquele que escreve um texto acadêmico nos permitem observar pontos de “não coincidências” do dizer – especificamente, as “não coincidências do dizer consigo mesmo”, e, de certo modo, há nos textos/objetos analisados expressões linguísticas que podem ser entendidas, de acordo com Authier-Revuz (2011), como “paradas sobre palavras”, ou seja, formas daquele que escreve marcar sua enunciação na estrutura da língua.

Pode-se inferir que essas palavras que se mostram como “paradas” sobre o dizer, também que se trata de reformuladores da atividade parafrástica no discurso científico. A paráfrase, como propõe Fuchs (1985), pode ser formulada de dois modos. Em primeiro lugar, a reformulação parafrástica repousa sobre uma prévia interpretação de um “texto-fonte” tomado para esse fim. Essa interpretação é variável segundo aspectos sociais, históricos e ideológicos, concernentes ao sujeito escritor, o que implica dizer que a interpretação de um texto não é uma; é marcada por uma disseminação de sentidos. Por isso aquele que escreve, ao mobilizar um conceito de área pode (re) formular de modo diferente um “mesmo” conceito ou informação. Em segundo lugar, de acordo com a autora, uma reformulação parafrástica consiste em identificar a significação do “texto-fonte” a ser (re) construída. Tal identificação se mostra momentânea, já que resulta de um apagamento de diferenças, e, portanto, não é única, não é exatamente a que imaginariamente se supõe ser aquela que o autor do texto fonte quis enunciar ou representar. Ao reformular um enunciado chega-se a outras possibilidades de leitura: “a paráfrase oscila entre a reprodução pura e simples do conteúdo e a sua deformação” (FUCHS 1985, p. 134).

Por último, Fuchs declara que a reformulação parafrástica pode ser traduzida sob formas características de emprego metalinguístico da linguagem. Exemplo disso, segundo a autora são esquemas do tipo: *X, quero dizer Y*; *X e Y* significam a mesma coisa; *X, em outras palavras Y*; etc. (op. cit. p. 134).

Essas definições de paráfrase possibilitam observar e interpretar os diferentes procedimentos de reformulação (*isto é, assim como, dito de outro modo, mas, etc.*) utilizados pelo pesquisador em formação ao acionar um conceito de área e elaborar seu texto. Essas marcas que, pontualmente, duplicam pontos de vista sobre o mesmo referente são responsáveis pela construção ou reconstrução do sentido do texto, do discurso de si e/ou do outro. São essenciais para que o pesquisador em formação saiba o que já se produziu a respeito, para que possa subsidiar-se do conhecimento culturalmente sistematizado, podendo fazer suas escolhas teóricas e dizer de outro modo o que já foi dito, de forma que algo de si possa se apresentar como característica explícita de sua relação com o conhecimento e ultrapasse o discurso do “outro”.

Passa-se à análise de três excertos relativos às dissertações selecionadas: excerto (1) D1 2001: excerto (2) D2 2006 –, excerto (3) D3 2008, quanto à mobilização de conceitos bakhtinianos na construção das pesquisas.

Paráfrase por equivalência formal?

Fuchs (1985, p. 130) afirma que “duas paráfrases são formalmente equivalentes na medida em que compartilham uma mesma propriedade comum”. Nessa perspectiva, os enunciados podem ser desmembrados sobre a base sem alteração de sentido.

O pesquisador da D1 se propôs realizar um rápido estudo acerca dos classificados de jornal, compreendidos como gênero discursivo, publicados no final do século XIX (1870 a 2001) na região de Campinas, São Paulo, a partir da abordagem bakhtiniana.

Os dois excertos abordam o conceito de “atitude responsiva” de Bakhtin (1992). Para que se possa mostrar como tal paráfrase foi construída, confrontar-se-á trecho recortado da pesquisa em análise com o texto fonte, no qual o autor em questão define o conceito teórico que é mobilizado em seu trabalho. Assim, o primeiro excerto foi escrito pelo pesquisador D1 2001, e o segundo pelo autor teórico Bakhtin (1992), supostamente lido por D1. Veja-se a seguir como o pesquisador em formação utiliza a paráfrase na reformulação dos conceitos.

(1) D12001: “De acordo com Bakhtin (1992), o *interlocutor possui uma atitude responsiva ativa, isto é, aquele que compreende o discurso pode concordar ou discordar do mesmo. Esta atitude responsiva ativa acompanha a compreensão de um enunciado vivo; a compreensão responsiva é a preparação e o início para uma resposta [...]*” (D1, p.62, grifos nossos).

(1) Autor lido: “[...] os dois parceiros da comunicação, o locutor e o ouvinte verbal, por meio de um esquema dos processos da fala no locutor e dos processos *passivos* de recepção e de percepção e de compreensão da fala no ouvinte [...] um ouvinte que recebe e compreende a significação de um discurso, *adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude responsiva ativa*, ele concorda ou discorda, completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de [...]” (BAKHTIN, 1992, p. 290-291), (grifos nossos).

Como se pode observar, o excerto da dissertação do pesquisador da D1 apresenta uma estrutura de citação indireta: “*De acordo com Bakhtin (1992)*”. Porém, esse procedimento pode ser considerado apenas um jogo textual de uma produção escrita que ocorre por inversão da ordem de algumas palavras no enunciado. Aqui se verifica que aquilo que o autor coloca em primeiro plano, o pesquisador D1 transpõe para seu texto em segundo plano. Compreende-se tal uso como sendo uma tentativa de parafrasear o texto a partir de reformulação lexical, com variações de ordem semântica que, de certa forma, não foram bem sucedidas.

É possível perceber que na tentativa de interpretar o texto o pesquisador elabora um enunciado que se repete e que muito se aproxima de uma cópia. No entanto, a enunciação é outra. Desse modo, compreende-se que D1 baseia-se em um imaginário de escrita, por acreditar que, transpondo uma oração de um lugar para outro, estaria dando um novo sentido ao que escreveu: Bakhtin acerca do conceito de *atitude responsiva*, como observado no excerto “*De acordo com Bakhtin (1992), o interlocutor possui uma atitude responsiva ativa, isto é, aquele que compreende o discurso pode concordar ou discordar do mesmo*”. O seja, um dizer que faz parte de um “outro” discurso, marcado na escrita do pesquisador por um discurso modalizado.

A partir da interpretação das palavras do autor/teórico o pesquisador tenta dizer de outro modo ao seu leitor algo que já foi dito, sustentando certa discursividade. Confrontando-se os dois enunciados, observa-se o uso da paráfrase, possivelmente como equivalência formal. O pesquisador D1 informa as referências bibliográficas do texto fonte e, faz nele algumas alterações sintáticas. Em um primeiro momento, observa-se que há uma relação de sentido entre algumas expressões que parecem correspondentes, não em que o sentido do enunciado pode ser alterado, causando, um deslocamento de sentido. Veja-se:

D1 2001: “[...] o interlocutor *possui* uma atitude responsiva ativa [...]”.

Autor lido: “[...] *adota* simultaneamente, para com este discurso, uma atitude responsiva ativa, ele concorda ou discorda [...]”.

A substituição de algumas palavras causa deslocamento e distanciamento de sentido. em virtude da substituição de algumas palavras. Comparando-se os excertos, verifica-se que: (a) D1 diz: “*possui* uma atitude responsiva ativa”, o autor do texto fonte diz: “*adota* simultaneamente [...] uma atitude responsiva ativa”. Há, neste caso, um deslocamento de sentido entre “possuir” e “adotar”, pois não há entre as duas palavras uma correspondência de significação; (b) D1 afirma: o “*interlocutor*” possui uma atitude responsiva ativa, enquanto o autor escreve: “*os dois parceiros da comunicação* [...] possui uma atitude responsiva ativa”.

Paráfrase por relação sinonímica?

A paráfrase por relação sinonímica se estabelece na substituição entre termos semanticamente equivalentes. A construção parafrástica analisada apresenta alterações sinonímicas. Tais modificações linguísticas na construção do enunciado produzem efeitos que alteram o sentido inicial do enunciado.

O primeiro excerto transcrito a seguir foi produzido pelo pesquisador D2, e o segundo foi retirado de um capítulo do livro. O pesquisador D2 se propôs fazer um estudo das ocorrências de marcas enunciativo-discursivas das histórias em quadrinhos. Para realizar a pesquisa, fundamentou-se em pressupostos bakhtinianos. Especificamente, no excerto tomado para análise, ele aborda o conceito de “*enunciado*”, como se vê a seguir:

(2) D2 2006: “[...] Para Bakhtin, os *enunciados de um discurso se definem pela natureza dos gêneros discursivos, constitutivos e constituídos em circunstâncias enunciativas peculiares às esferas das relações sociais*. Quaisquer que sejam a extensão, o *conteúdo semântico*, os recursos linguísticos e a sua composição estrutural; o discurso, materializado na forma de texto apresenta características que lhe são geralmente comum, moldadas pelas regras do funcionamento dos gêneros, sendo essas, por sua vez, articuladas no interior das interações das esferas das relações sociais. Dito de outro modo, *cada esfera de uso da língua (cotidiana ou não) potencializa os seus próprios gêneros*, determinando as formas genéricas e *relativamente estáveis de manifestação dos discursos*, no que tange aos aspectos temático, estilístico e composicional. [...]”, (D2 2006 – p.34, grifos nossos).

(2) Autor lido: “[...] *A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma e doutra esfera de atividade humana*. O enunciado reflete as condições específicas de cada uma dessas esferas, não só por seu *conteúdo (temático)* e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais -, mas também, e, sobretudo, sua construção composicional. [...] Qualquer enunciado considerado isoladamente, é claro, individual, mas *cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso* [...]” (BAKHTIN, 1999, p.279) (grifos nossos).

Ademais, verifica-se que o pesquisador da D2, ao tentar distanciar-se do discurso do *outro*, estabelece uma relação sinonímica entre algumas palavras que se enunciam no fio do dizer, possivelmente como tentativa de (re) escrita de um novo texto. As ocorrências sinonímicas podem ser perceptíveis nas seguintes proposições (apresentadas na ordem em que aparecem: pesquisador D2 x autor): “*conteúdo semântico*” – “*conteúdo temático*” – “*relações sociais*,” – “*atividades humanas*”; “*potencializa – elabora*”. Tais proposições estabelecem, na estrutura textual uma relação de sentido entre os dois enunciados. Como pode se observado no excerto que segue.

D2 2006: “[...] peculiares às esferas das *relações sociais*. Quaisquer que sejam a extensão, o conteúdo semântico [...]” (grifos nossos).

Autor lido: “[...] doutra esfera de *atividade humana*. O enunciado reflete as condições específicas de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (*temático*) [...]” (grifos nossos).

Assim, não se julga que o dizer da D2 seja simplesmente uma cópia, tendo em vista que existe uma relação de sentido entre as palavras enunciadas, nos dois casos. Na primeira expressão – “*conteúdo semântico*” –, poder-se-ia dizer que há uma correspondente com o, que Bakhtin considera, como correlação de sentido que são gerados numa esfera discursiva com suas realidades contextuais. Na segunda expressão – “*relações sociais*” –, não há alteração de sentido, pois entende-se que as atividades humanas são estabelecidas nas relações sociais, que, por sua vez, definem os gêneros do discurso aprendidos no curso da vida do sujeito como participante de determinado grupo social. As alterações na terceira proposição: “*potencializa – elabora*” dão a ideia de reforço, no sentido de que o uso da língua é que determina os próprios gêneros. Ou melhor, “o uso da língua *torna ativo* o próprio gênero”.

Por conseguinte, não se discorda de que, para elaborar um texto, o sujeito tome por base alguma ideia já existente. De modo que, o que se diz de forma insistente e dialógica numa rede de oposições revela o lugar dado ao outro no discurso. Tal prática é totalmente aceitável. Porém, o que não é plausível é que aquele que escreve se mantenha preso ao discurso do outro, reafirmando o que já foi dito. Esse uso faz com que não se percebam suas ideias, e/ou criatividade, bem como a relação de conhecimento com as leituras realizadas ao longo de sua formação acadêmica. Neste caso, o dizer pouco acrescenta algo de “novo” sobre o que já foi produzido; apenas confirma o que o autor já dissera, a partir da reflexão leitor-escritor.

Verifica-se, ainda, que o texto produzido por D2 apresenta uma estrutura de citação indireta: “*Para Bakhtin*”. Vê-se aí um movimento inicial para uma possível produção escrita. Por apresentar tal estrutura, esperava-se encontrar uma paráfrase linguística de reformulação. No entanto, trechos do texto fonte aparecem na escrita de D2 de forma invertida. Há, no movimento parafrástico, procedimentos, como inversão de trechos do enunciado, substituição de palavras por sinônimos, e a interpretação responsável pela construção de sentido do texto fonte do dizer, que será analisada.

Em uma leitura mais atenta, observa-se na construção textual dos dois primeiros períodos, indícios de uma estrutura parafrástica por reformulação do texto fonte. Embora havendo resquícios deste, aponta-se para uma interpretação do pesquisador D2, como produção de sentido que norteia a construção do enunciado.

Assim sendo, observa-se que, nessa construção, o sujeito se esconde por trás do *outro* (autor fonte do seu dizer). Ele faz com que seja impossível estabelecer uma relação entre o sujeito e o *Outro* que constitui o seu discurso. Isto acaba por obscurecer o *Outro* no discurso. Um discurso *imaginário* colocado em jogo, assegurado estruturalmente pelo sujeito como desconhecimento do outro, anulando, no imaginário, a divisão, a falta, a perda e o descentramento que afetam o sujeito do dizer. Este não é duplo, mas dividido. Ele fala sem saber de outro lugar (AUTHIER-REVUZ, 1998). Em outras palavras, tal procedimento produz na escrita de D2 um efeito que vem a confirmar que o discurso, mesmo atravessado por outro, se mostra não coincidente (AUTHIER-REVUZ, 2004).

Passa-se agora à análise do excerto (3), transcrito da dissertação “Gênero artigo de opinião na perspectiva sociorretórica de gêneros textuais”, cujo objetivo é analisar o gênero artigo de opinião, em uma perspectiva sociorretórica de gêneros textuais. Em síntese, busca-se mostrar por meio da análise desse excerto, como o pesquisador D3 realiza procedimentos parafrásticos na produção escrita de sua pesquisa:

(3) D3 2008: [...] Bakhtin (1997), em *Estética da criação verbal*, afirma que a utilização da língua, emanando dos membros das diversas esferas da atividade humana, realiza-se na forma de enunciados concretos e únicos. Cada uma dessas esferas tem suas próprias condições específicas e finalidades nos enunciados. Isso não se limita ao seu conteúdo temático, ao seu estilo verbal, à seleção que se opera nos recursos linguísticos, mas também chega a sua construção composicional. Na totalidade do enunciado, o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional são fundidos de forma indissolúvel, e a especificidade de uma dada esfera de comunicação os identifica com suas marcas. Todo enunciado analisado de maneira isolada “é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso o que denominamos gêneros do discurso [...]” (BAKHTIN, 1997, p.279, - p. 24,[grifos nossos]).

(3) Autor lido – “[...] A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma das esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais -, mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolúvelmente no todo do enunciado, e de todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas dada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso [...]” (BAKHTIN, 1979 p. 279,[grifos nossos]).

Os dois excertos mostrados tratam do conceito de “enunciado” numa perspectiva bakhtiniana. O primeiro, transcrito da dissertação do pesquisador em análise denominada de D3, e o segundo transcrito da obra de Bakhtin (1979), autor lido pelo pesquisador. Assim como os dois pesquisadores (o da D1) e (o da D2) analisados anteriormente, o pesquisador da D3, ao reformular o conceito de enunciado, também inicia por meio de citação indireta – de forma a autorizar-se a partir das palavras do autor – desdobra as modalizações, e indica o texto fonte e a paginação de onde foi retirada a citação. Veja-se:

D3 2008: “[...] Bakhtin (1997), em *Estética da criação verbal*, afirma que a utilização da língua, emanando dos membros das diversas esferas da atividade humana, realiza-se na forma de enunciados concretos e únicos [...]” (BAKHTIN, 1978 p. 279, [grifos nossos]).

Ao realizar tais procedimentos o pesquisador, em sua estrutura textual, segue regras que atendem as convenções da escrita acadêmica, que autoriza a sua enunciação a circular numa comunidade científica. Ao comparar os dois excertos, verifica-se que há duas possíveis preocupações no movimento que o pesquisador realiza ao mobilizar o conceito de “enunciado” valendo-se da citação indireta “Bakhtin (1997), em *Estética da criação verbal* [...]”: a) situar seu leitor sobre a bibliografia lida, como embasamento teórico de sua pesquisa e, b) explicar de que obra foi retirada a citação.

Nesse processo de reformulação do enunciado, também se verificam duas estratégias de substituição de formas tipográficas do texto fonte que tendem ao apagamento da voz do “outro” no enunciado: (i) substituição de trechos que o autor coloca entre parênteses, e o pesquisador amplia a explicação colocando-os em itálico: *conteúdo temático*, ao seu *estilo*, *construção composicional*; e (ii): o que o autor da obra destaca em itálico, o pesquisador destaca com aspas: “é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso o que denominamos gêneros do discurso”. Tais procedimentos apontam como efeito um distanciamento, diga-se “imaginário”, como denegação do outro, fonte do dizer:

(3) D3 2008: Bakhtin (1997), em *Estética da criação verbal*, [...] conteúdo temático, ao seu estilo verbal, à seleção que se opera nos recursos linguísticos, mas também chega a sua construção

composicional. Na totalidade do enunciado, o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional [...]. Todo enunciado analisado de maneira isolada “é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso o que denominamos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 1997, p.279), (D3, p. 24, 29. grifos nossos).

(3) Autor lido: “A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (*orais e escritos*), esferas, não só por seu *conteúdo (temático)* e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção [...] -, mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (*conteúdo temático, estilo e construção composicional*) [...] no *todo* do enunciado, e de todos eles [...] é, claro, individual, mas dada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso.” (BAKHTIN, 1979 p. 279).

Esse procedimento preenche o imaginário com a escrita, como se pode observar nas substituições tipográficas presentes na estrutura do enunciado. Por exemplo: a) enquanto D3 destaca a voz do autor colocando em itálico “*conteúdo temático*, ao seu *estilo [...]*”, o autor da obra (Bakhtin) utiliza o parênteses para colocar em destaque a palavra *temático*; b) o pesquisador D3 utiliza o recurso das aspas para destacar o enunciado “é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso o que denominamos gêneros do discurso”, enquanto o autor da obra destaca o enunciado colocando-o apenas em itálico: *tipos relativamente estáveis [...] gêneros do discurso*.

No movimento de escrita parafrástica, as palavras podem mudar de sentido ao passarem de uma formação discursiva para outra, do mesmo modo que palavras *literalmente diferentes*, no interior de uma formação discursiva dada, podem passar a ter o mesmo sentido (PÊCHEUX, 1997, p. 162). O sujeito fala, sem saber, de “outro” lugar (AUTHIER-REVUZ, 1998; 2004). Ele é constitutivamente heterogêneo, na medida em que é atravessado por sua própria divisão, pelo social, pelo discurso de outrem e pelas inúmeras formas de exterioridade discursiva. Nesse sentido, redigir um texto acadêmico requer um exercício criativo que vá além das ideias preexistentes, das expectativas da “forma”, do “modelo”. Trata-se de uma tentativa de interpretação apoiada no texto fonte e um esforço para não dizer outra coisa que não esteja autorizada.

Ao procurar interpretar o que foi dito pelo autor ele altera a estrutura do enunciado, de modo que, não prejudica o sentido construído no enunciado. Contudo tal composição não aponta para a criação de algo novo como produção de conhecimento que extrapole o que já foi dito pelo autor teórico.

Comparando-se o excerto do pesquisador D3 com o da obra do autor, lido por D3, foi possível verificar alterações de ordem sintáticas e tipográficas entre um texto e outro. Quanto às alterações sinonímicas, foram verificadas entre as seguintes proposições: “realiza-se” e “efetua-se”; “membros” e “integrantes”; “na totalidade do enunciado” e “Estes três elementos”. Por conseguinte, refletindo-se sobre o conceito de *enunciado* proposto por Bakhtin, chega-se à conclusão de que possível que tais alterações sinonímicas não alterem o sentido do enunciado na construção proposta pelo pesquisador da D3. No contexto em que aparecem as proposições, de certa forma, o conceito de enunciado é contemplado, mesmo que de forma recortada e invertida.

Tais marcas são interpretadas como estratégias de reformulação que, localizadas na escrita dos três pesquisadores, são indícios de como se caracterizam os discursos universitários.

Considerações finais

Ao escrever o sujeito percorre vários caminhos para colocar algo de si em seu escrito. Um caminho de idas e vindas ao discurso do “outro”. Para isso, precisa-se saber lidar com as regras de escrita acadêmica e, no ato da escrita saber optar por uma ou outra estratégia

linguística para dizer e redizer algo já dito, fazendo surgir, dessa produção, um novo texto. Nesse movimento aquele que escreve (o pesquisador em formação) deixa marcas linguísticas “inventariáveis” como indícios de sua relação com a(s) teoria(s) na escrita.

Observa-se uma enunciação que se apresenta diferente a cada enunciado repetido, de modo que, na paráfrase, tem-se também um novo enunciado, e não só a repetição do mesmo. Mas não dá para se afirmar que se trata de uma paráfrase produtiva, pelo fato de que as modificações operadas nos textos apresentados não são suficientes para que sejam considerados uma criação por parte de quem os escreveu.

As análises apontam para uma escrita que poucas informações novas acrescentam. Desse modo, os exemplos parafrásticos analisados consistem em momentos de aprendizagem de escrita, mas arrisca-se a dizer que ainda, não se constituem em produções de conhecimento que expressem cientificidade. A respeito disso, alerta-se para o fato de que a incorporação de um texto em outro já existente de forma repetida, principalmente na universidade, ocasiona a estagnação na produção de conhecimentos.

Em síntese, verificam-se os seguintes movimentos entre os textos produzidos pelos três pesquisadores em formação e o autor da teoria bakhtiniana: a) ocorrência de paráfrase por equivalência entre os excertos analisados e o texto fonte; b) recorrência de estrutura parafrástica por enunciado que inicia por citação indireta (D1, D2, e D3); c) domínio quanto à organização de estruturas parafrásticas do texto do pesquisador (D1 e D3), no que diz respeito às convenções da escrita acadêmica; no texto do aluno pesquisador D2, problemas quanto a essa questão; e d) construções parafrásticas a partir de trechos do texto fonte aparecem de forma invertida nos textos produzidos pelos alunos pesquisadores, como tentativa de reformulação do escrito primeiro para um texto segundo, porém não chegando a um trabalho de retroação do dizer do “outro”.

As análises apontam para uma escrita que poucas informações novas acrescentam. Desse modo, os exemplos parafrásticos analisados consistem em momentos de aprendizagem de escrita acadêmica, a qual, porém, ainda não se constitui em produção de conhecimento que contenha cientificidade.

REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Tradução de Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- _____. *Heterogeneidade enunciativa*. Cadernos de estudos linguísticos, 19. Campinas: IEL, 1990.
- _____. *Palavras incertas – As não-coincidências do dizer*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.
- _____. Educ. Real, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 651-679, set/dez. 2011. Disponível em http://www.ufrgs.br/edu_realidade
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In *Bakhtin, M. Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. [1992]
- _____. & VOLOSHINOV, V. M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BARZOTTO, V.H. Leitura e produção de textos: limites e relações intersubjetivas. In: *TRILHAS DA ESCRITA: A autoria, leitura e ensino*, CALIL, E. (Org.). Ed. Cortez, São Paulo, 2007.
- BENVENISTE, É. *Problemas de Linguística Geral I*. Tradução Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5.ed. Campinas: Editora Pontes, 2005 [1976].

FABIANO, S. *Pesquisa na Graduação: a escrita do gênero acadêmico*. Cáceres-MT: Editora da UNEMAT, 2004.

_____. *A prática da pesquisa como sustentação da apropriação do conhecimento na graduação em Letras*. 2007. 211 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa. Área de Concentração: Análise do Discurso) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista: Araraquara, 2007.

FIORIN, José Luiz. O dialogismo. In: *Introdução ao Pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006. p.18 -59.

FUCHS, C. *A paráfrase linguística: equivalência, sinonímia ou reformulação?* Tradução de Rodolfo Ilari e Rosa Até Figueira. Campinas: Editora da UNICAMP, n. 8, 1985, (p. 129-134).

FLORES. Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à linguística da enunciação*. São Paulo: Campinas, 2005.

LACAN, J. *O seminário*, livro 5, as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. [1953].

PÊCHEUX, Michel e FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. (ed.or.. 1969). In: *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. GADET, F e HAK, T. (horas.). Campinas, Editora da Unicamp, 1997c, p.163 – 252.

RIOLFI, C. Lições da coragem: o inferno da escrita. RIOLFI, C.; BARZOTTO, V.H. (horas) *O inferno da escrita: produções escrita e psicanálise*. São Paulo: Mercado das Letras Teixeira; revisão técnica da tradução: Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

TEIXEIRA, Marlene. *Análise do discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. 2ª ed. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. Disponível em: www.bibliotecadigital.unicamp.br/